

**Os movimentos de mulheres no  
enfrentamento às desigualdades de gênero:  
uma experiência de trabalho em grupo em Franco da Rocha.**



**Erineide Souza de Oliveira**

*eripoeta1975@gmail.com*

Assistente social; poeta; mestranda em humanidades, direitos e outras legitimidades (Diversitas-FFLCH/USP). Autora dos livros de poesia: Amores, de 1997, Palavra Muda, de 2019 e Vozes Escutadas, de 2022.



**OS MOVIMENTOS DE MULHERES NO ENFRENTAMENTO ÀS  
DESIGUALDADES DE GÊNERO: UMA EXPERIÊNCIA DE TRABALHO EM  
GRUPO, NA CIDADE DE FRANCO DA ROCHA.**

**WOMEN'S MOVEMENTS IN COMBATING GENDER INEQUALITIES: A  
GROUP WORK EXPERIENCE IN THE CITY OF FRANCO DA ROCHA.**

**LOS MOVIMENTOS DE MUJERES EM LA LUCHA CONTRA LAS  
DESIGUALDADES DE GÉNERO: UMA EXPERIENCIA DE TRABAJO  
GRUPAL EM LA CIUDAD DE FRANCO DA ROCHA.**

A história social das mulheres é carregada de avanços e retrocessos, a depender do tempo histórico, do cenário político e social no qual estamos inseridos. Muitas foram as conquistas dos movimentos feministas até aqui, contudo, há ainda um sem-número de questões a serem solucionadas e buscadas no tocante aos direitos garantidos às mulheres.

É importante ressaltar que há muitas e sofisticadas leis que deveriam garantir direitos, segurança e igualdade de gênero, cujas dificuldades ainda se desdobram, na vida prática, em violências e desrespeitos vivenciados por mulheres. Diante de todos os avanços legais e de pouca repercussão prática cabe à inferência de que é possível que ainda não tenhamos alcançado os objetivos de igualdade de gênero por conta de questões culturais e estruturais, que carecem de investimentos para avançar.

Fato é que apenas introdução e estabelecimento de leis não são suficientes para eliminar as violências enfrentadas pelas mulheres. É urgente e necessários que nos coloquemos disponíveis para repensar culturas que foram se cristalizando e colocando mulheres como subalternas, como inferiores, e menos importantes do que os homens.

A despeito de tantas lutas e avanços legais e sociais, continuamos sendo acometidas e vilipendiadas por violências das mais diversas espécies, que são capazes de ceifar nossas vidas e nos calar, silenciar nossas vozes e nossos corpos. É preciso que homens também estejam disponíveis para rever seus privilégios sociais e se colocarem em comunhão com as mulheres, para que consigamos construir novas estruturas sociais que sejam capazes de inserir, de forma segura e definitiva, as mulheres como sujeitas e detentoras de direitos, usufruindo esses direitos. É justo que as estruturas patriarcais sejam revistas.

Há ainda posta a realidade cruel de meninas e mulheres que sofrem com a cultura do estupro, que faz vítimas diárias, e que ainda coloca a responsabilidade sobre as vítimas, encobrindo, protegendo e desresponsabilizando os homens. A cultura que faz homens se sobreporem às mulheres é antiga e merece novos e sensíveis olhares, a fim de que mulheres possam viver sem violência e tendo seus corpos, desejos e direitos respeitados e validados. Ter que reivindicar a própria humanidade é uma ameaça às vidas femininas.

Enquanto lutamos por mudanças substanciais e estruturais é importante que as mulheres continuem vivas e juntas, a fim de conseguir fortalecimento e orientações acerca de direitos, e amparo para e entre mulheres. Com o objetivo de juntar mulheres e impulsionar o movimento feminista foi construída uma formação popular em direitos das mulheres, em 1994, em São Paulo, conduzida pela União de Mulheres, coletivo feminista estruturado em 1981. No referido estado mais de 40 cidades desenvolvem as trocas populares em direitos para mulheres, visando a equidade de gênero e o fortalecimento feminino.

Muitas mulheres de Franco da Rocha<sup>1</sup> e região se envolveram na construção dos grupos de Promotoras Legais Populares (PLPs), em São Paulo, sendo multiplicadoras em suas respectivas cidades. No início de 2020 um grupo de mulheres com experiência nos grupos de Promotoras Legais Populares, se reuniu e implementou o movimento de PLPs em Franco da Rocha/SP, cidade onde resido e atuo. Assoladas pela pandemia de COVID-19, assim como a população mundial, fomos compelidas a interromper os encontros dos grupos, que se pretende presencial.

Apenas com a amenização da referida pandemia e, após a necessária vacinação indicadas pelos órgãos de saúde, retomamos aos encontros de forma presencial em maio/2022. Dessa forma, apesar de todas as dificuldades enfrentadas, tivemos a conclusão da primeira turma de promotoras legais populares da bacia do Juquery em março/2023. Mesmo na condição de aluna eu fui incluída na coordenação, tendo em vista minha experiência com grupos de mulheres e já ter realizado metade da formação, no ano de 1999.

Em agosto de 2023 demos seguimento, com nova coordenação, da qual eu faço parte, à segunda turma, que teve sua certificação e formatura em março/24. A terceira turma (em andamento) teve início em abril/24. A formação da segunda turma aconteceu numa escola pública e propusemos uma atividade de conclusão de curso onde as formandas fizeram uma roda de conversa com alunos da Escola Técnica Estadual (ETEC) de Franco da Rocha, sobre violência contra mulheres, feminismo e estrutura social.

A construção dos grupos de discussão e de trocas populares em direitos para mulheres surgiu, na região, a partir da necessidade da troca de vivências entre mulheres e do desejo de atuação num cenário ainda tão nocivo ao gênero feminino. Conhecer e acessar diretos, bem como estabelecer redes de apoio, são parte fundamental do combate às desigualdades e violência de gênero.

1 Município que compõe a região metropolitana da cidade de São Paulo.

A constituição contínua dos encontros diz respeito à proposição de aulas teóricas, cujos temas versam sobre direitos, antirracismo, equipamentos públicos, e outras muitas, com intersecção de gênero, raça e classe; a formação conta com 24 aulas semanais e palestras em escolas, acerca dos direitos, bem como rodas de conversa com homens e mulheres (fora da formação, que é exclusiva para mulheres).

Os encontros de aulas expositivas e trocas acontecem numa escola pública, em Franco da Rocha, nas noites de terça-feira. Nesses três anos de início das atividades foram alcançadas mais de 90 mulheres, sendo que nem todas concluíram a formação, por motivos diversos. Não contamos com financiamento, nem recursos para custear professoras/multiplicadoras, e precisamos contar com amigas e outras mulheres que compartilham seus conhecimentos técnicos e teóricos de forma voluntária, geralmente mulheres afinadas com questões do feminismo e dispostas a dividir seus conhecimentos técnicos.

A prática de educação popular é um recurso que aproxima e coloca educadores e alunas/alunos em posição de compartilhamento, não sendo fixadas hierarquias de saber, apenas importa a troca e o saber que cada parte tem a compartilhar, não cabendo verticalização de saberes. Dessa forma, as aulas são interativas e contam com diálogos e trocas de experiência entre as mulheres.

Após cada final de ciclo de formação é possível identificar mudanças de postura das mulheres e, não raro, ouvimos relatos das formandas, acerca de como chegaram na formação carregadas de conceitos e preconceitos sobre o que circunda o mundo do feminismo, bem como sobre o modo como olhavam as outras mulheres, e a mudança de visão acerca do que é ser mulher em sociedades patriarcais. Em vídeo gravado por uma das alunas da segunda turma, a fim de mobilizar outras mulheres, uma das participantes descreveu:

Sou uma aluna das PLPs 2023. As promotoras legais populares são mulheres capacitadas para atuar como facilitadoras e têm como objetivo empoderar mulheres, fornecendo-lhes conhecimento sobre temas como direitos civis, questões familiares, violência de gênero e outros assuntos relevantes para a comunidade feminina. Essas promotoras desempenharam e desempenham um papel fundamental na minha história como mulher, me trazendo conhecimento dos mais amplos assuntos, como profundidade, amor, acolhimento. E mesmo nos assuntos pesados conseguem trazer leveza. Só tenho a agradecer por toda vivência e dizer que são pra mim um exemplo inspirador de conhecimento, trocas e afeto.

Já outra participante, também aluna da segunda turma de PLPs, disse que se encontrou com a vivência de outras mulheres, se identificou e aprendeu muito com as trocas. Esses depoimentos nos fazem inferir que a união de mulheres, numa sociedade patriarcal, é de fundamental importância, a fim de garantir amparo e fortalecimento das mulheres, e para desmontar a cultura da rivalidade feminina e de disputas que apenas servem para alimentar as assimetrias entre homens e mulheres, pois, enquanto nos dividimos e disputamos entre iguais fortalecemos as estruturas e os privilégios masculinos.

A ideia não é fazer uma virada na pirâmide social de modo que os homens despenquem e mulheres se sobreponham, mas é preciso, e necessário, que haja equiparação e justiça social para que mulheres não estejam tão diferentes e desiguais, pois as desigualdades têm se configurado como letais para as mulheres. Subverter a regra social é urgente, a fim de manter vivas e seguras as mulheres, e que possam viver com respeito e dignidade.

É preciso que caibamos todos e todas na sociedade, onde nossas especificidades e subjetividades sejam validadas e respeitadas, onde mulheres também sejam sujeitas e não mais objetificadas e desumanizadas, como a história nos conta até aqui. Nos juntemos, mulheres e homens, nessa luta ainda necessária. O projeto societário proposto por mulheres não visa excluir os homens, mas, sim, objetiva não deixar ninguém no meio da estrada. A inclusão de todas as pessoas na roda da vida é urgente, para que consigamos diminuir as distâncias que separam pessoas, que ceifam vidas e fazem grupos se sobreporem a tantos outros.

Na luta por igualdade mulheres lançam mão dos mais diversos recursos e tecnologias de sobrevivência, que incluem a arte e o desenvolvimento de atividades que contribuam no autoamparo e autocuidado. As mais diversas expressões artísticas são ferramentas preciosas nesse contexto. Cabe dizer que a mim também a arte se apresenta como caminho e, por isso, findo esse texto apresentando um poema que é um grito de liberdade:



### **Vozes escutadas**

Quero ter autonomia  
Ser livre, sem agonia  
Sem assombros do machismo  
Sem esconder a minha carne  
Meus desejos e meu nome

Busco o que me é direito  
Escolher o meu futuro  
Pra vivê-lo do meu jeito  
E mirar o mundo com meus olhos,  
meus anseios

Encontrar outras mulheres  
Abrindo as portas da vida  
E estancar essa ferida  
Rasgada com corte fundo  
Pelos dentes afiados do mundo

E que ninguém mais ouse  
Me amarrar em seus caprichos  
Me enredar em seus estorvos  
Esconder minha alegria  
Calar minha voz de novo

(Erineide Oliveira)

### **Como citar este texto**

Oliveira, E.S. (2024). Os movimentos de mulheres no enfrentamento às desigualdades de gênero: uma experiência de trabalho em grupo em Franco da Rocha. *Pathos: Revista Brasileira de Práticas Públicas e Psicopatologia*, v. 10, n.1, 90-97. <https://dx.doi.org/10.59068/24476137osmovimentosdemulheres>

RECEBIDO EM: 04/04/2024  
APROVADO EM: 23/05/2024